

ILUSTRAR COM DELEITE O PATRIMÓNIO HISTÓRICO

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Rua Eça de Queiroz, 89

Pampilheira

P – 2750-662 Cascais

jde@fl.uc.pt

Ilustrar com Deleite o Património Histórico

José d'Encarnação

Historial do artigo:

Recebido a 15 de outubro de 2018

Revisto a 18 de novembro de 2018

Aceite a 07 de dezembro de 2018

RESUMO

A propósito de um romance que tem Peniche por cenário e onde se compendiam, de certo modo, as múltiplas lendas que correm sobre essa localidade, que foi ilha há muito tempo, procura mostrar-se como se torna aliciante entrelaçar os patrimónios – o imaterial, o histórico e o arqueológico – a fim de mais eficazmente se promover a sua preservação e valorização.

Palavras-chave: Peniche, Morraçal da Ajuda, olarias romanas, ânforas, *L. Arvenius Rusticus*.

ABSTRACT

A novel where the scenery is the city of Peniche, an Atlantic Portuguese port and an ancient enigmatic island, and where the various patrimonies – the legends, the history, the archaeological evidences... – are always present can show us that we can also use the literature to have an excellent contribute to give value and to preserve the memories of the Past.

Key-words: Peniche, Morraçal da Ajuda, Roman pottery, amphoras, *L. Arvenius Rusticus*.

1.Introdução

Contém o livro *A Baleia que Engoliu um Espanhol*, da autoria de Marco Neves (vd. **Figura 1.**), mui saborosos ingredientes para aliciante romance, se outros se lhe acrescentarem: uma herança inesperada, um tesouro escondido, sinuosas grutas inacessíveis, um enigmático manuscrito... «Pronto!», dir-se-á, «Está tudo estragado! Romance de capa e espada, cheio de rodriguinhos... Que falta de imaginação ou que imaginação tão infantil!». O certo é que vem apresentado como «um louco livro de aventuras que nos leva em busca dum tesouro escondido numa antiga ilha portuguesa e reconta, pelo caminho, algumas histórias da nossa história»!

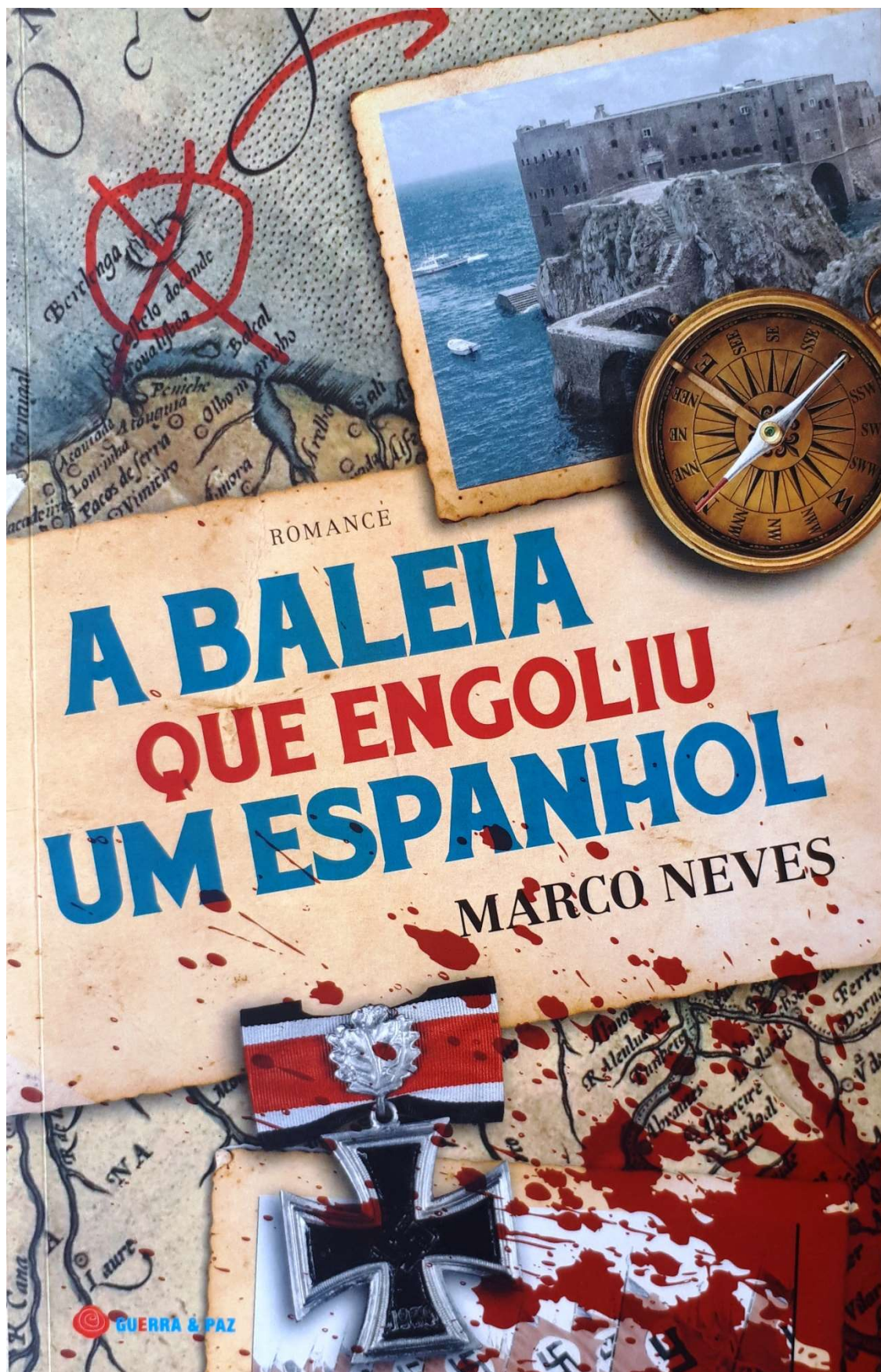


Figura 1. Capa do livro de Marco Neves. Fonte: O Autor

Tempo é, por conseguinte, de sadiamente evitar conclusões precipitadas e de tomar consciência, por outro lado, de que também com relevantes dados se pode entretecer apetecível enredo para jovens e para graúdos. A isso meteu ombros Marco Neves, ousadamente, sublinhando bem que é «ficção», é «romance». Assim. Como quem não quer a coisa.

Cumpre-me não desvendar a história nem se há-de explicar aqui como é que a baleia «veio dar uma ajudinha à padeira de Aljubarrota», para se usar a expressão do autor. Importa, contudo, garantir que Marco Neves veio dar, assim, muito apreciável “ajudinha” para, doravante, se passar a ver com outros olhos – os de ver mesmo! – a verídica história milenar, que, em Peniche, se metamorfoseou em rico património cultural.

É claro que evocar Peniche nos incita de imediato a referir o seu forte, símbolo da repressão do Estado Novo. O forte perpassa pelas páginas do romance, e nós, os que prezamos o património, pugnamos para que ele seja, de modo especial, um lugar de memória, centro cultural onde se mantenha vivo um quotidiano que almejamos irrepetível.

Outros se lembrarão da frase «amigos de Peniche», para classificar quem, na obrigação de ir em auxílio de outrem, depressa de tal se esquece, por estar a usufruir de mais agradável bem-estar. Remonta a expressão ao conhecido episódio da luta pela independência, em relação aos que, tendo desembarcado em Peniche, deveriam ter ido, em 1580, ajudar as tropas do Prior do Crato lutar contra a invasão filipina e... pelo caminho se ficaram...

Célebres ficaram também – e Marco Neves colhe daí boa inspiração para o enredo – as investigações de Arqueologia Subaquática levadas a cabo por Jean-Yves Blot e sua mulher, Maria Luísa Pinheiro Blot, com vista a saber-se mais, nomeadamente, sobre o enigmático naufrágio do navio San Pedro de Alcântara, a 2 de Fevereiro de 1786, uma embarcação que vinha da América do Sul carregada de metais preciosos. Foi esse um estudo paradigmático, modelar, onde se procuraram ensaiar novas técnicas, até então não postas em prática. Um trabalho que se desenvolveu desde 1975 e se prolongou até finais de 1996, com resultados surpreendentes, como verá quem se der à sedutora tarefa de ler a bibliografia.

Perguntar-se-á: e porque fala Marco Neves em baleia?

Abundavam as baleias nessa zona da costa atlântica como o provam – além de outra documentação antiga, ligada, por exemplo, ao Mosteiro de Alcobaça... – os topónimos Baleal e Atouguia da Baleia, assim designados devido precisamente à singular abundância desse cetáceo nas suas águas.

Claro, no livro de Marco Neves, a baleia que engolira o espanhol e que, por isso, sofrera de indigestão e fora caçada pelo João das Baleias, acabou, ao ser esventrada, por mostrar o tesouro, um diamante que tinha de ser devolvido ao labirinto, por integrar o muito badalado Tesouro de Saturno! E, assim, acabou por um osso do dito animal ser, em solene procissão, colocado na igreja.

Por aqui se vê como, engenhosamente, o maravilhoso popular se adapta, para explicar de forma que o Povo entenda o que enigmaticamente na Natureza se observa. Oportuno pretexto, por outro lado, de chamar a atenção para o importante património paleontológico patente nestas paragens.

2. A olaria romana de Lúcio

Houve um tempo em que Peniche era uma ilha. Vindo de Cartagena, conta Marco Neves (pondo essa narrativa na boca do seu avô), aí se fixou Lúcio, «comerciante de *garum*, uma especialidade apreciada em todo o império. O que era o *garum*? Não sei se te diga se te conte. Eram, basicamente, entranhas de peixe condimentadas. Mas os romanos adoravam aquilo. Então se fosse da exótica Hispânia, melhor ainda» (p. 70). O negócio prosperou e Lúcio teve ocasião de mostrar, na cidade de Roma, as excelências do seu produto:

«Foi o maior orgulho da sua vida até então: ver gente romana – romanos mesmo de Roma – a molhar o pão, com ar urbano e sabedor, no *garum* que ele levava dentro de ânforas com o seu nome: LUCIUS ARVENIUS RUSTICUS» (p. 72) (vd. **Figura 2.**).

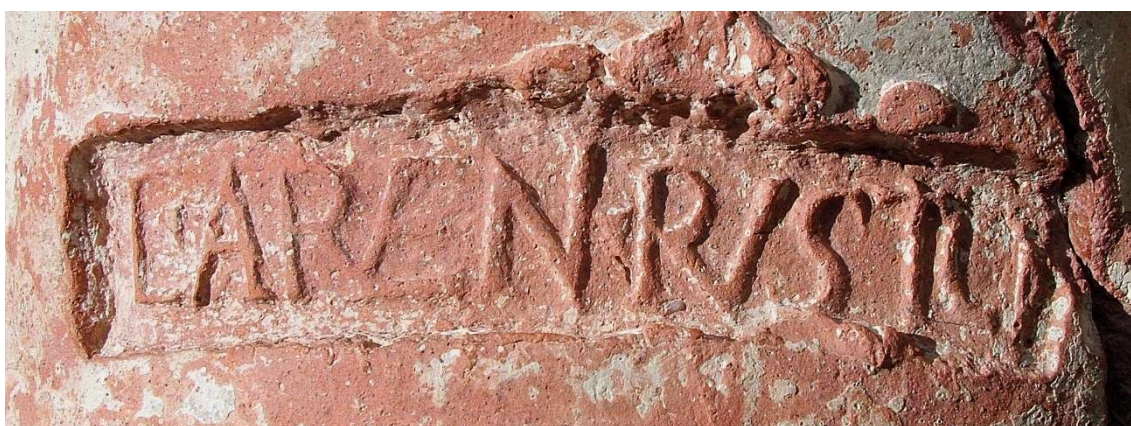


Figura 2.. Selo da oficina de *Lucius Arvenius Rusticus*. **Fonte:** Guilherme Cardoso

Aqui se fará, pois, uma paragem, uma vez que tal oleiro existiu mesmo e manteve em laboração em Peniche, durante os primeiros séculos da nossa era, quatro fornos de cerâmica que, ao rasgar da terra para a instalação do novo complexo de campos do Clube de Ténis de Peniche, a retroescavadora pôs a descoberto, em Março de 1998. Não todos de uma só vez, está bem de ver; contudo, os vestígios que se toparam levaram à suspensão das obras e entraram em acção os arqueólogos. Não era o tesouro por que gerações das gentes de Peniche ansiavam e de que, no livro de Marco Neves, se fala em quase todas as páginas, tão presente ele está no enigma desta costa assim retalhada e com as Berlengas à frente; não deixava, contudo, de ser um tesouro à sua maneira. E bem andou Marco Neves quando pôs os romanos de Roma a deliciarem-se com o *garum* embarcado nas boas ânforas de Lúcio.

E foi tesouro de tal modo que, em 30 de Setembro de 2018, se apresentou outro livro, esse de divulgação científica, intitulado precisamente *A Olaria Romana de Lúcio – Morraçal da Ajuda (Peniche – Portugal)*, publicado pela autarquia e da autoria de quatro dos responsáveis pelos 20 anos consecutivos de escavações e de investigação no local: Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico de Sepúlveda e Inês Ribeiro (vd. **Figura 3.**).

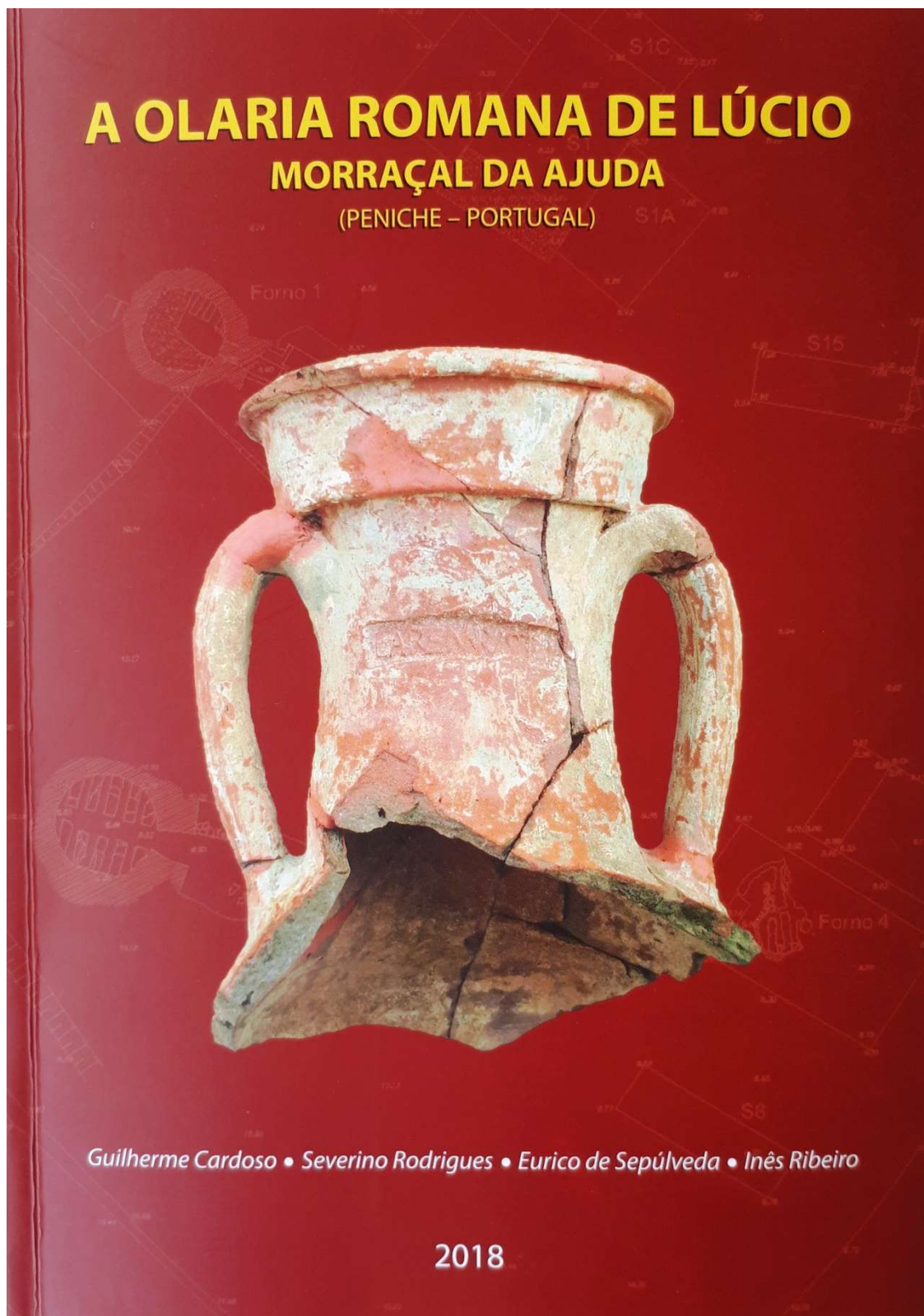


Figura 3. Capa do livro A Olaria Romana de Lúcio. Fonte: O Autor

Deixemos, por momentos, a história de Lúcio que, ao ver a escrava Miriam, «ficou deslumbrado com aquela visão de mulher entre as sombras da lua que entrava pela janela», acabou por a comprar a Dionísio, que lhe respondeu à pergunta sobre o preço:

– Por mim, vendo-ta por uma daquelas ânforas cheias de *garum*. O raio da mistela é mesmo boa (p. 78).

Deixemo-los na sua paixão e folheemos o livro sobre a olaria.

Magnificamente ilustrado com boas fotografias a cores e rigorosos desenhos de materiais, nele se conta a história da descoberta dos fornos; descreve-se o sítio, a olaria e os fornos; e, com o rigor científico que se lhes reconhece – ainda que, como se disse, o livro seja destinado ao grande público –, dá-se miúda conta da tipologia das produções oleiras; diz-se como um romano de rendimento «remediado» não hesitava em ter à mesa o que hoje chamaríamos «baixelas», ou seja, a cerâmica dita *terra sigillata*, outro vasilhame importado da Itália e da Gália do Sul e vasos ‘de paredes finas’, assim designados devido – como o nome indica – a serem singularmente delgadas as suas paredes, a denotar o gosto apurado de quem as usava. Há, naturalmente, mais cerâmica, a de uso comum (pequenas bilhas, almofarizes, tampas – os ‘opérculos’, pesos de rede, pesos de tear, cerâmica de construção. E encontraram-se também objectos de metal, como uma fivela (‘fíbula’) de bronze com a marca DVRNACVS, já conhecida doutras paragens, pregos de bronze e de ferro, estiletes...

Concluem os investigadores:

«Peniche encontrava-se na rota naval atlântica, ponto certamente importante no circuito comercial, recebendo, assim, bens importados doutras regiões e exportando do seu porto os produtos da ilha, que chegaram a Lugo (na Galiza), a Mérida (então capital da Lusitânia), entre outras cidades da Tarraconense e da Lusitânia», províncias da Hispânia romana (p. 108).

3. O entrelaçar de patrimónios

Faz-nos crer o autor que bebeu a sua história das gentes de Peniche e, de modo especial, de um estranho e mui obscuro manuscrito deixado por seu avô, com a indicação precisa (tinha de ser!) de só o decifrar após a sua morte: «Não te esqueças de escrever, no fim do livro, a tua própria história», recomendara-lhe o avô Mário (p. 168). E remata:

«Comovido, deixei cair a pequena bolsa de couro onde encontrara a carta. Foi então que de lá saiu a tilintar uma moeda de ouro com a figura inconfundível de Augusto, Imperador de Roma» (p. 168).

Por consequência, um entrelaçar de patrimónios: o arqueológico e o imaterial, lendário, passando pelo paleontológico, aqui elevado a protagonista, pelo menos no título:

«Desde pequeno me lembro de ver o osso gigante da baleia na Igreja de São Leonardo, na Atouguia da Baleia», confessa Marco Neves (p. 170).

E da infância ao homem adulto um percurso feito, a desembocar numa panorâmica que enaltece a sua terra e que nos ajuda, alfim, a tomar consciência do que realmente significa «património»: o legado, muito dele apenas imaterial mas com mais valor do que a moeda de ouro com a efígie do imperador Augusto, o legado que nos enforma o modo de pensar e para cuja preservação e valorização, neste caso de Peniche, tanto contribuem – cada um no seu género – quer o livro sobre imaginária baleia como o bem documentado e aliciante tratado sumário acerca da olaria romana de Lúcio.

BIBLIOGRAFIA

BERNAL CASASOLA, Darío; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; BEJARANO OSORIO, Ana Maria - L. – *ARVENIVS RVSTICVS* en Augusta Emerita (Mérida, Badajoz). Un ánfora de Peniche en el interior de Lusitania. In **Boletín Ex Officina Hispana**. ISSN 1989-743X. 8 (marzo 2017), p. 53-55.

BLOT, Jean-Yves – **O naufrágio do San Pedro de Alcântara**. Separata nº 2, série Arqueológica, Vol. I, Cascais: Museu do Mar, C. M. Cascais / Museu Nacional de Arqueologia, 1984.

BLOT, Jean-Yves; BLOT, Maria Luisa Pinheiro – **O interface História – Arqueologia: o caso do "San Pedro de Alcantara" (1786)**. Lisboa: Academia de Marinha, 1992.

BLOT, Jean-Yves; BOMBICO, Sónia – A glimpse into the Early Imperial Roman Atlantic trade. Historical and marine context of a ceramic assemblage in a shipwreck at Cortiçais (Peniche, Portugal). In **Skyllis: Zeitschrift fur Unterwasserarchaeologie**, 31.1, (2013), p. 43-52.

CALADO, Mariano – **Peniche na História e na Lenda**. Peniche: edição do autor, 1991.

CARDOSO, Guilherme et al. – **A Olaria Romana de Lúcio – Morraçal da Ajuda (Peniche – Portugal)**. Peniche: Município de Peniche, 2018. ISBN: 978-989-8227-08-9.

NEVES, Marco – **A Baleia que Engoliu um Espanhol**. Lisboa: Guerra e Paz, Editores, S. A., Julho de 2017. ISBN: 978-989-702-299-9.

ROMÃO, José – Património geológico no litoral de Peniche: geomonumentos a valorizar e divulgar. In **Geonovas**, 2, (2009), p. 21-33.

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

ENCARNAÇÃO, José d' – Apostilas epigráficas – 6. [Em linha]. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 20, 2017 p. 129-138. ISSN: 0874-2782 [Consultado a 15 de Setembro de 2018]. Disponível na [www:<URL: http://hdl.handle.net/10316/42539>](http://hdl.handle.net/10316/42539) Sobre *Arvenius*: p. 134-135; sobre *Durnacus*: p. 135-136.